

**A MATERIALIZAÇÃO DE UM DISCURSO TRANSGRESSOR  
DO CORPO MASCULINO NO CENÁRIO AUDIOVISUAL  
APÓS O MOVIMENTO ATIVISTA #METOO**

Raul Chatel Neto (IFF)

[raul.chatel@gmail.com](mailto:raul.chatel@gmail.com)

Ives da Silva Duque-Pereira (UENF)

[ivesduque@gmail.com](mailto:ivesduque@gmail.com)

Sérgio Arruda de Moura (UENF)

[arruda@uenf.br](mailto:arruda@uenf.br)

**RESUMO**

O movimento ativista #metoo (2017), iniciado por atrizes de Hollywood contra o assédio sexual no trabalho, causou mudanças significativas à indústria cultural. A representação do corpo nu, de todos os gêneros e em cenas de sexo, passou a ter a presença e o cuidado de um novo profissional, o coordenador de intimidade, objetivando conter abusos já existentes na indústria. O presente trabalho parte da hipótese do aludido movimento também ter tensionado a forma pela qual a materialização da nudez masculina se dava até então nos produtos de maior difusão no audiovisual. Entende-se que, ao desafiar também o olhar masculino, o movimento ativista pode ter possibilitado, em detrimento do corpo idealizado, viril e patriarcal, uma manifestação discursiva de corpo transgressora, portanto opositiva. Assim, tem-se por objetivo refletir sobre a representação do corpo masculino em *frames* de produções audiovisuais pós-#metoo, identificando pontos de tensão entre os aludidos discursos pelo aporte teórico prioritário da Análise do Discurso Francesa e Brasileira.

**Palavras-chave:**

Audiovisual. Corpo masculino. Análise do Discurso

**ABSTRACT**

The activist movement #metoo (2017), initiated by Hollywood actresses against sexual harassment at work, caused significant changes in the cultural industry. The representation of the naked body, of all genders and in sex scenes, now has the presence and care of a new professional, the intimacy coordinator, aiming to contain abuses that already exist in the industry. The present work is based on the hypothesis that the alluded movement also has tensioned the way in which the materialization of male nudity occurred until then in the most widespread audiovisual products. It should be understood that, by also challenging the male gaze, the activist movement may have made possible, to the detriment of the idealized, virile and patriarchal body, a discursive manifestation of a transgressive, therefore, oppositional body. Thus, the aim is to reflect on the representation of the male body in frames of post-#metoo audiovisual productions, identifying points of tension between the aforementioned speeches by the priority theoretical contribution of French and Brazilian Discourse Analysis.

**Keywords:**

Audiovisual. Discourse Analysis. Male body.

## 1. Introdução

A premissa da presente análise é a hipótese de que o movimento #metoo, iniciado por atrizes de Hollywood contra o assédio sexual no trabalho, causou mudanças significativas, na produção audiovisual hegemônica de língua inglesa, não só em relação à mulher, mas também a representação masculina nas telas. Esse tensionamento se deve ao fato de novas formas de se perceber e reproduzir o corpo nas telas agora tenha uma relação próxima com os cuidados relacionados ao físico e emocional dos atores e atrizes envolvidos no processo.

Orlandi *apud* Hashiguti e Magalhães (2009), aponta para à organização dos diferentes espaços políticos em que os corpos que neles habitam são permitidos, acolhidos ou excluídos. Esse princípio, para Hashiguti e Magalhães (2009), posicionam-se os sujeitos e seus corpos através de uma materialidades discursive no âmbito visual que é marcado, em um jogo de significações, pelas dimensões real ou biofísica, simbólica e imaginária.

Esse discurso do corpo expresso nas telas tende a reproduzir as relações de uma sociedade misógina e controladora, uma força que Foucault (2005) vai chamar de micropoderes, que se estabelecem nas relações entre sujeitos na sociedade, abrangendo, é claro, os produtos da cultura de massa, ou seja, das cenas de filmes, séries, bem como outras fontes advindas do audiovisual. O movimento #metoo surge como foco de resistência local que se expande e alcança o mundo ocidental de maneira a levar a discussão do assédio sexual no trabalho para além do campo da indústria do entretenimento, produzindo efeitos sentindo até os dias atuais.

Porém, é no campo da produção audiovisual que se consolida, levando até mesmo o surgimento de um novo profissional: o coordenador de intimidade. Ele deverá se preocupar com a maneira com a qual os corpos são tratados e representados nos *sets* de filmagem. Essa mudança, a nosso ver, afeta também a forma de representação dos homens, quebrando uma representação única do corpo apolíneo viril, colocado no campo da polissemia e, apresentando novos corpos e masculinidades em produções de grande alcance.

Tendo como foco recortes de duas produções audiovisuais da cultura de massa, Thor: Amor e Trovão (2022) e *Sex Education* (2019-presente), objetivamos refletir sobre a representação do corpo masculino pós-#metoo, identificando pontos de tensão entre um discurso hetenonormativo e um transgressor. Para tanto, escolhemos *frames* do aludido *corpus* e aplicamos pressupostos da Análise do Discurso Francesa e Brasileira

(representada por Eni Orlandi). Para falar sobre o potencial transgressor dos indivíduos e discursos, serão utilizados conceitos de Maffesoli; além disso, serão abordados conceitos interligados ao assunto, como ideologia, indústria de massa e sociedade, objetivando a compreensão da materialização desses corpos em discurso e seus valores polissêmicos.

## **2. O ativismo gerado pelo #metoo e suas origens.**

Em agosto de 2017, o jornal *The New York Times* publica uma matéria em que atrizes acusam um dos maiores executivos de Hollywood, Harvey Weinstein, de assédio sexual e estupro. A atriz Alyssa Milano, para mostrar o tamanho do problema, que ultrapassa casos específicos e atinge todas as mulheres, publica uma mensagem na rede social digital *Twitter* pedindo que todas que tivessem sido sexualmente assediadas contassem suas histórias com a hashtag #metoo (“Eu também”).

Hillstrom (2018), afirma que essas duas palavras fizeram surgir uma comunidade de milhões de mulheres sobreviventes de abusos sexuais ao redor do mundo. Originalmente, essa *hashtag* foi usada anos antes pela ativista Tarana Burke para oferecer consolo, suporte e solidariedade a jovens garotas que sofreram abuso sexual. Com esse novo engajamento pelo pedido de Milano, ao relatarem abusos sofridos, mulheres de todo o mundo se uniram mostrando a terrível situação sofrida pela condição de ser mulher.

As histórias compartilhadas por milhões de mulheres tornaram os relatos de abuso mais fáceis de serem acreditados. Em 2018, uma pesquisa mostrou que 81% das mulheres norte americanas já sofreram algum tipo de assédio sexual e mais da metade das entrevistadas foram tocadas de maneira sexual sem sua permissão. Essa foi apenas a ponta do iceberg de uma sociedade misógina que reflete um sistema patriarcal dominante em que a mulher é hostilizada, degradada, sofre violências físicas com seu corpo objetificado (Cf. HILLSTROM, 2018).

Para além das discussões levantadas pelo movimento #metoo, efetivamente se construiu uma comunidade cujo objetivo é fornecer ajuda a mulheres que sofreram assédio e abuso. O “Time’s Up Legal Defense Fund” foi um fundo criado para oferecer ajuda legal à essas mulheres. Segundo reportagem da BBC Brasil (2018), o “Time’s Up”, lançado por mais de 300 escritoras, atrizes e diretoras, arrecadou mais de US\$ 21 milhões em apenas um mês, com objetivo de ajudar processos judiciais em que

mulheres tenham sofrido assédio sexual no trabalho.

Segundo a reportagem da BBC Brasil (2018), por mais que a busca por ajuda seja de uma maioria de mulheres, muitos homens têm procurado ajuda para si ou para alguém do seu convívio. De acordo com pesquisas do Instituto de Internet da Universidade de Oxford, uma das relevações mais importantes do movimento foi a valorização e atenção dada a grupos que trazem alegações de estupro.

As mudanças causadas pelo movimento não se limitaram a esses fatores. As empresas buscaram promover ambientes mais positivos abrindo canais de escuta ativos para casos de assédio. Segundo a BBC Brasil (2018), grupos de ativistas como os “A Call to Men” (“Um Chamado para os Homens”), que promovem um diálogo aberto com homens para formas mais saudáveis e respeitosas de se relacionar, tem sido cada vez mais requisitados para trabalhar junto a empresas. Isso leva ao entendimento que o movimento também tem produzido mudanças em relação ao homem e sua forma de ser e existir no mundo junto das mulheres.

A pesquisa de O’Neil *et al.* (2018), vê uma grande oportunidade aberta pelo movimento #metoo para propor que o assédio sexual seja considerado um problema público de saúde, com implicações práticas para prevenção de doenças e promoção da saúde. O trabalho de Ram (2021), mostrando até mesmo o setor de turismo interno norte americano sendo impactado pelo movimento, com mudanças afetando hotéis, políticas internas, além da promoção de conscientização, o setor de restaurantes, aviação e eventos.

Contudo, enquanto movimento social e de mudanças efetivas fora dos EUA, há uma série de limitações, dilemas e contradições (Cf. ZARKOV; DAVIS, 2018; FILEBORN; LONEY-HOWES, 2019). Por mais que ainda tenha impulsionado o debate em diversos países como o Brasil, há um alerta chamando atenção que faz parte de um movimento maior pelo direito das mulheres, o que deve envolver políticas específicas.

Em 2022, cinco anos após o início do movimento, diversos jornais do mundo, em específico o *Le Monde* e o *L’Humanité* foram categóricos ao afirmar que o movimento ativista mudou o mundo, inclusive a França, local onde o silêncio das mulheres não é mais uma regra. Há forte crítica a uma justiça lenta, ineficaz e a contradição de uma ruptura do movimento feminista francês que não entrou em consenso em como capturar o #metoo para resolver questões como uso do véu e a inclusão das mulheres transgêneros.

Segundo especialistas ouvidos pela reportagem da BBC Brasil (2018), pouco de mudança no setor empresarial foi sentido na Inglaterra, contudo, é interessante notar que algo diferente ocorreu no sindicato dos atores britânicos Equity, representando mais de 43 mil profissionais, com aumento significativo de casos trabalhados desde *#metoo*. Isso levou a um entendimento de algo que atingiu fortemente a indústria do entretenimento, o que fez com que o vice-presidente do Equity reconhecesse que nenhum comportamento inadequado vai passar sem ser punido pelo setor.

Isso foi tão significativo que fez surgir um novo profissional do audiovisual que é o coordenador de intimidade. Segundo Megía (2018), todos os grandes estúdios de filmagem agora contam com a presença desse profissional que garante a segurança emocional e física dos envolvidos em cenas que contenham intimidade com exposição do corpo. Esse profissional serve de ponte entre as inquietações dos atores e os planos narrativos de diretores, visando evitar abusos já cometidos no passado pela indústria.

Mashable *apud* Megía (2018), tratando na nova forma de retratar o sexo no cinema vai dizer que o movimento *#metoo* não serviu apenas para expulsar predadores sexuais de Hollywood, mas também para mudar como a indústria contribui com uma cultura sexual tóxica. Em 2021, uma reportagem do jornal O Globo trata o coordenador de intimidade como um profissional já indispensável nos sets de filmagem do Canadá e EUA, mas que no Brasil ainda é uma função inexistente.

Em termos narrativos, o coordenador de intimidade se coloca como atravessador de desejos entre roteiro, direção e atuação, conseguindo mudar como um corpo é retratado nas telas a partir do diálogo aberto entre diversos setores que compõem a produção de um audiovisual.

### ***3. A formação discursiva patriarcal e sua oposição frente ao corpo masculino.***

Com o sujeitamento do indivíduo, tem-se, no discurso, palavra em movimento. Longe da abstração, ela se define através de sua situacionalidade no mundo, significando na medida que os indivíduos coexistem, considerando, segundo Orlandi (2009a), a produção de sentidos enquanto parte de suas vidas e enquanto membros de uma sociedade, homogênea ou heterogênea.

Para tanto, essas mesmas palavras atravessam o contexto ou condições de produção, conceito trazido por Pechêux (2008), como a posição

ideológica ser aquela definidora do sentido de uma expressão, ou seja, tal sentido não existe em si mesmo, mas depende de uma conjuntura sócio-histórica para tanto, portanto, é necessário ir além da língua e fala para analisar, pelos pressupostos da AD, qualquer *corpus*.

Aprofundando-se na materialidade do sujeito, Orlandi (2012) traz a relação do indivíduo com o seu corpo, contudo no caráter discursivo, ou seja, o que aquele corpo significa dentro daquele contexto e momento, além da sua ligação com o simbólico e o imaginário. Nesse raciocínio, Eni (2004) atinge a reflexão do corpo, sobre como, em dado contexto de produção, é possível ele firmar uma formação ideológica.

Dessa forma, para o desenvolvimento dessa pesquisa, é necessário destrinchar o discurso hegemônico patriarcal para se alcançar sua força opositiva, doravante chamada de “discurso transgressor”, afinal, historicamente, o corpo masculino foi sempre visto como um signo de força, virilidade, aquele capaz de conceder origem a outra existência: uma posição ideológica de outrora que não só permanece, como também ganha novas feições na “contemporaneidade cronológica” (AGAMBEM, 2009. Pgs. 55-69).

Tem-se nos estudos de psicologia de Sergio Gomes da Silva (2006) a base sob a qual esse modelo de masculinidade se pauta e, em como tais modelos tradicionais acabam também por gerar crises identitárias no homem, pois, quando o corpo se materializa como discurso e adere a uma ideologia, ele absorve os conceitos estagnados da mesma, exigindo o conjunto da *praxis* e crenças que a compõem, causando um distanciamento daquele sujeito consigo, especialmente nos aspectos emocionais e sensíveis, dando margem a emersão de uma virilidade cáustica.

Nesse sentido, parafraseando Foucault (2004), o corpo em uma dada sociedade se encontra confinado no interior de estruturas de poderes aptas a impor limitações, proibições e também obrigações. O corpo é, portanto, coagido, levado a fins de mecanização dentro da estrutura dessa organização social; o autor continua o argumento ao ponderar que o corpo masculino é o principal alvo e objeto desse poder, atribuindo à palavra dócil um sentido subversivo: trata-se o corpo masculino um objeto que pode ser submetido, utilizado e modelado, sendo esta última uma forma de adestramento, modo de controle disciplinar. Ele é dominado e ensinado a dominar pelas vias patriarcais.

Assim, para entender o envolvimento da ideologia na cultura de massa (objeto de análise desta pesquisa), a síntese feita por Pêcheux e

Fuchs do conceito althusseriano deve ser demonstrada, já que a ideologia afeta a percepção e interpretação dos sentidos:

A região da ideologia deve ser caracterizada por uma materialidade específica articulada sobre a materialidade econômica: mais particularmente, o funcionamento da instância ideológica deve ser concebido como “determinado em última instância” pela instância econômica, na medida em que aparece como uma das condições (não econômicas) da reprodução da base econômica, mais especificamente das relações de produção inerentes a esta base econômica. (PÉCHEUX; FUCHS, 1990, p. 163-66)

Ainda, encobrendo uma dimensão estritamente sociológica, Marielena Chaui define ideologia da seguinte forma:

A ideologia é um conjunto lógico, sistemático e coerente de representações (ideias e valores) e de normas ou regras (de conduta) que indicam e prescrevem aos membros de uma sociedade o que devem pensar e como devem pensar, o que devem valorizar, o que devem sentir e como devem sentir, o que devem fazer e como devem fazer. Ela é, portanto, um conjunto de ideias ou representações com teos explicativo (pretende dizer o que é realidade) e prático ou de caráter prescritivo, normativo, regulador, cuja função é dar aos membros de uma sociedade dividida em classes uma explicação racional para as diferenças sociais, políticas e culturais, sem jamais atribuí-las à divisão da sociedade em classes, determinada pelas divisões na esfera de produção econômica. (CHAUÍ, 2013, p. 117)

Diante do exposto, transgredir uma ideologia posta é fraturar seus conceitos pré-estabelecidos seja em qual setor da sociedade for, é desafiar os membros desse grupo a conceber uma possível nova aceitabilidade frente a determinado produto, bem de consumo, ideia, pensamento, enfim, o rol é exemplificativo, visto sua extensão atravessar toda a organização social.

A escolha do *corpus* dessa pesquisa se embasou na produção audiovisual que se encaixaria no extrato da indústria de massa e seu produto, a cultura de massa (Cf. ADORNO; HORKHEIMER, 2006), considerando a capacidade de acessibilidade e do alto consumo contemporâneo do audiovisual. Ao considerar os pensamentos dos autores, a indústria cultural exerce um poder de dominação e difusão devido à facilidade da disseminação de uma cultura aliada aos interesses ideológicos e também do capital através de uma sistematização de recompensas vazias e acrílicas, sendo, conforme os pensadores, a capacidade de evasão desses padrões muito pequena.

Entretanto, todo pensamento, assim como toda linguagem textual é imbuída de situacionalidade, ou, colocando em outras palavras, a interpretação desse pensamento é passível de ser adaptada e transgredida em

função do tempo em que é analisada, já que, inexoravelmente, a sociedade muda. Embora formações discursivas retrógradas permaneçam, os tempos são diferentes se comparados aos dos autores da Escola de Frankfurt, sendo plenamente possível falar numa transgressão dessas incursões discursivas. Não há um rompimento total, mas uma frente opositiva maior vem sendo observada nos tempos atuais.

Transgredir, verbo cuja transitividade é direta, significa ir além, atravessar, não observar, não cumprir e infringir. Logo, a existência de um discurso transgressor pressupõe invariavelmente um embate, um caminhar de encontro à algo, não observar uma coisa já posta, tal como a ideologia, conceito já exposto e explorado no presente tópico.

O sociólogo francês Michel Maffesoli observa a transgressão como um desejo criativo e faz sua teorização a partir desta base. A partir disso, ele chama os ideários cristalizados da ideologia como “monoteísmos à existência”, tendo em vista o caráter acrítico e mecânico utilizado por ideologias hegemônicas. Assim, Maffesoli (1987) parte da ideia de que as ideias, valores e produtos culturais são práticas passivas, uniformes e conformes imposições sociais, contudo, há dentro de cada um desses campos, sujeitos com a capacidade de não se deixarem dominar totalmente, sujeitos esses que segundo o autor ressignificam, são imprevisíveis, modificadores das origens enraizadas e podem atuar em diversos planos dos poderes sociais. Isso para ele seria o “querer-viver”, a “afirmação da vida” humana.

Transgredir, é, portanto, ser astuto, elevar a potência transgressiva abandonando inércias e modismos e ir de encontro aos gestores da vida social, chamados assim por Maffesoli (1987) os governos, igrejas, estruturas da sociedade civil, dentre outras. Assim, para o sociólogo (1987), a ideologia dominante ocupa a superfície e o sujeito capaz de desafiá-la, escava túneis em sua estrutura até atingir o mesmo andar.

#### **4. *Análise do corpus: polissemia do corpo apolíneo em Thor: Amor e Trovão (2022) e uma nova representação do corpo masculino em Sex Educacion (2019-hoje)***

“Thor: Amor e Trovão” é o quarto filme do Universo Marvel no cinema com o Deus do Trovão como protagonista. Sua história inicia com Thor aposentado das batalhas e em busca de paz espiritual. Porém, precisa voltar ao combate contra uma nova ameaça para a humanidade. Segundo a Forbes (2022), o filme, em agosto de 2022 foi a sexta maior bilheteria

dos EUA, tendo arrecadado US\$ 362 milhões em todo o mundo, sendo um dos filmes mais assistidos.

Figura 1: O personagem Thor aprisionado e despido.



Fonte: *Disneyplus*: Thor: Amor e Trovão (2022).

Segundo Oliveira (2018), o corpo apolíneo e heroico dos deuses gregos na antiguidade, representados nas pinturas e esculturas, apontam para uma perfeição não-humana a ser seguida e reforçada, construindo um modelo estético e conceito de masculinidade, limitado a força e trabalho, em oposição às características delegadas ao feminino com a noção do sensual e delicado.

Esse ideal moral de modelo de masculinidade vem sendo reproduzido: é o que observamos com a nudez total do personagem Thor. Um deus nórdico, em campo de batalha, tendo sua força expressa no corpo musculoso, sem equipamentos como armaduras e armas. Contudo, essa seria mais uma expressão de masculinidade heteronormativa dominante se não houvesse uma valoração polissêmica diante da narrativa.

Figura 2: O personagem Thor após ser despido quando aprisionado.



Fonte: *Disneyplus*: Thor: Amor e Trovão (2022).

A exposição do corpo nu do deus Thor ocorre justamente em um momento de fragilidade no qual fora capturado e se encontra inerte. Para

além dessa dualidade, há na narrativa a clara objetificação do corpo - algo muito discutido dentro do movimento #metoo por ocorrer somente com as mulheres em entendimento de cultura sexista - quando o personagem é despido, em uma arena lotada, em que provoca suspiros e desmaios de muitos dos presentes de todos os gêneros. Isso vai quebrar uma ordem discursiva em que, para Oliveira (2018), é constituída pelo impedimento do corpo masculino de ser erótico por sua representação estar associada a uma conduta moral de força e poder, em que a sensualidade é atributo feminino.

Segundo Sturgis e Clayson *apud* Oliveira (2018), na Idade Média, devido à expansão e dominação do cristianismo, o corpo virou fonte pecaminosa e sua representação desnuda abolida como uma desonra, fazendo com que a arte medieval representasse a nudez como um pecado.

Assim, não podemos esquecer que o corpo de Thor está presente em um produto da indústria de massa, em um momento histórico de crescimento da extrema-direita, com valores religiosos conservadores nos EUA e outras partes do mundo. No Brasil, esse crescimento do conservadorismo, aliado a um discurso político extremista (Cf. GRANJEIRO, 2021) estão alicerçados ao ativismo religioso de base cristã neopentecostal (Cf. MARIANO, 2022). Assim, o valor polissêmico discursivo da representação apolínea desse corpo está em se apresentar a nudez masculina, objetificada, no contexto citado.

O corpo apolíneo e heroico, impulsionador de um modelo a ser seguido, pode estar oprimindo outras masculinidades que fogem desse ideal. Bourdieu *apud* Oliveira (2018), vai dizer que é uma cilada pensar na virilidade enquanto capacidade sexual, social e reprodutiva, com predisposição ao combate e violência, pois se torna uma carga e não um privilégio. Diante disso, em fuga dessa carga, que não corresponde à totalidade do que é ser homem no século XXI, novas representações surgem.

A série *Sex Education* (2019-atual), é um fenômeno na plataforma de *streaming Netflix*, com mais de 40 milhões de pessoas assistindo nas quatro primeiras semanas de sua primeira temporada em 2019 (Cf. PORTER, 2019), sendo a série mais popular entre os brasileiros em 2020 (Cf. ALVES, 2020). Em 2021, lançou sua terceira temporada dando continuidade ao imenso sucesso de crítica e público.

Com uma história que gira em torno de colegas britânicos que decidem discutir sobre suas questões sexuais de maneira aberta com o público, era naturalmente esperado que corpos estivessem presentes na trama. Porém, dentre as muitas questões contemporâneas levantadas,

chama atenção, em sua terceira temporada, o tratamento à sexualidade do corpo do personagem Isaac, pessoa em cadeira de rodas, ao se relacionar com a personagem Meave.

Gesser e Nuernberg (2014) argumentam a favor do entendimento da necessidade da garantia e valorização das pessoas com deficiência na vivência da sua sexualidade como princípio fundamental estabelecido pela Convenção sobre os Direitos da Pessoa com Deficiência, doravante “PcD”, no âmbito dos Direitos Humanos. Para isso, Maia e Ribeiro (2010), apontam a necessidade de derrubar mitos para minimizar o preconceito.

A sociedade lida de forma preconceituosa em relação à sexualidade da pessoa com deficiência. Esse preconceito está embutido em alguns mitos, como que a PcD é assexuada, não tem desejos, ou o oposto: são hipersexuadas com desejos incontroláveis, são pouco atraentes e incapazes despertar o desejo sexual, tem disfunções sexuais e não conseguem se reproduzir. Esses mitos endossam preconceitos que se estabelecem em uma sociedade que tende a ignorar padrões definidos de “normalidade” e condicionamentos de formas de ser e agir. A construção de um padrão de sexualidade coloca as margens àqueles diferentes (Cf. MAIA; RIBEIRO, 2010)

Mendes *apud* Oliveira (2018), destaca que os corpos representados na comunicação de massa são predominantemente idealizados dentro do padrão da arte clássica. Dessa forma, apresentar o corpo de uma PcD com a sua sexualidade em um produto audiovisual de massas é considerado transgressor, tendo em vista a quebra de padrões estabelecidos socialmente, não só do corpo apolíneo, mas um corpo masculino alternativo com suas especificidades e necessidades. Essa transgressão se coloca como elemento ressignificador e modificador de algo enraizado ideológico a partir de novos signos.

Figura 3: Outro copo, para outramasculinidade.



Fonte: Netflix – *Sex Education* (2019), 3ª temporada, episódioquatro.

Na cena em que Isaac está para ter sua primeira relação sexual com Meave, ele cuidadosamente fala sobre sua diferença e ensina, com sensibilidade, a parceira como tocá-lo e lidar com aquele corpo que não é igual

aos demais. Com um apelo emotivo grande, construído por câmera em *close* e trilha sonora, a cena é conduzida através de um olhar em que o dono do corpo deficiente ensina a namorada que está aprendendo a dar prazer a esse corpo.

Essa relação indivíduo com seu corpo (Cf. ORLANDI, 2012), produz uma materialidade discursiva repleta de significados tendo em vista o contexto de preconceitos sociais em relação à PCD. A discriminação, com a diferenciação data entre sujeitos atrás e à frente das câmeras, também está base do movimento #metoo.

A cena acaba produzindo um imaginário simbólico que coloca o corpo e sexualidade da PcD longe dos mitos descritos por Maia e Ribeiro (2010) e contribui para minimizar preconceitos ao vermos dois adolescentes com desejos mútuos e exercendo sua sexualidade de maneira respeitosa, compreensiva com as diferenças e livre. Diante da afirmação de Eni (2004) do corpo como formação ideológica, a cena apresentada reforça, nesse contexto, esse entendimento.

Figura 4: Outro copo, para outramasculinidade.



Fonte: Netflix – *Sex Education* (2019), 3ª temporada, episódioquatro.

Assim, enfrentar o domínio do modelo ideal clássico é projetar uma imaginação social do corpo que abrace a diversidade de corpos presentes na sociedade. Isso demonstra, a nosso ver, uma mudança social que pressiona que novas representações surjam, interferindo e rompendo com uma tendência mercadológica dominante até então.

## 5. Considerações finais

Esta pesquisa objetivou analisar, dentro da cultura de massa, possíveis tensionamentos após o movimento #metoo nas produções audiovisuais, apresentando a hipótese do aludido movimento ter alterado tanto a forma ver e reproduzir o corpo masculino, além de uma preocupação maior em exhibir os bastidores das produções, visando agora proteger cada vez mais a integridade dos atores.

Nessa análise do corpo masculino materializado como discurso, observa-se o papel da ideologia perpetuando a formação do corpo heróico, apolíneo: uma representação masculina demonstradora de força e controle, porém afastada (direta ou indiretamente) dos lados mais frágeis da natureza humana, operando na vida prática e sendo refletida nas produções audiovisuais como uma verdadeira negação desse lado.

O conceito de ideologia apresentado neste trabalho traz uma abordagem de valores cristalizados, porém, seja no âmbito que for, existe a possibilidade de transgressão desses valores fixados, uma nova forma de demonstrar como determinadas ideias podem ser demonstradas, irrompendo, ainda que parcialmente, com a hegemonia do pensamento anterior.

Dessa forma, a hipótese trazida se demonstra parcialmente comprovada, no sentido de trazer uma relação na mudança da representação do corpo e da nudez masculina após o #metoo e os outros movimentos ativistas posteriores, buscando o cenário audiovisual demonstrar a faceta frágil, não violenta e machista do homem. Embora ainda não haja força para quebrar o discurso patriarcal hegemônico, pode-se concluir sobre a existência de uma oposição a ele.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. A indústria cultural: o esclarecimento como mistificação das massas. In: \_\_\_\_\_. *Dialética do Esclarecimento*. Trad. de Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo?* e outros ensaios. Trad. de Vinicius Nicastro Honesco. Chapecó-SC: Argos, 2009.

ALVES, Soraia. *Até agora, 'Sex Education' é a série mais popular entre os brasileiros em 2020*. B9, 2020. Disponível em: <https://www.b9.com.br/123880/ate-agora-sex-education-e-a-serie-mais-popular-entre-brasileiros-em-2020/>. Acesso em: 26 de nov. de 2022.

CHAUÍ, Marilena de Souza. *Manifestações ideológicas do autoritarismo brasileiro*. Belo Horizonte: Autêntica. 2013.

FILEBORN, Bianca; LONEY-HOWES, Rachel (Ed.). *#MeToo and the politics of social change*. Springer Nature, 2019.

FORBES. *"Top Gun" e "Doutor Estranho" são as maiores bilheterias em*

2022. Forbes Brasil, 2022. Disponível em: <https://forbes.com.br/forbes-life/2022/08/top-gun-e-doutor-estranho-sao-as-maiores-bilheterias-de-2022/#:~:text=%E2%80%9CTop%20Gun%3A%20Maverick%E2%80%9D%3A,milh%C3%B5es%20em%20todo%20o%20mundo>). Acesso em: 26 de nov. de 2022.

FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. In: *Microfísica do poder*. 2005. p. 295-95

\_\_\_\_\_. “Os corpos dóceis”. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. 29. ed. Trad. de Raquel Ramallete. Petrópolis-RJ: Vozes, 2004.

\_\_\_\_\_. “Os recursos para o bom adestramento”. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. 29. ed. Trad. de Raquel Ramallete. Petrópolis-RJ: Vozes, 2004.

GESSER, Marivete; NUERNBERG, Adriano Henrique. Psicologia, sexualidade e deficiência: Novas perspectivas em direitos humanos. *Psicologia: ciência e profissão*, v. 34, p. 850-63, 2014.

GRANJEIRO, G. L. O Crescimento da Extrema Direita e das Manifestações Antidemocráticas pela volta do Regime Civil-Militar no Brasil (2013-2020). In: ANPUH Brasil. *Simpósio Nacional de História*, v. 31, 2021.

HASHIGUTI, Simone; MAGALHÃES, Rita. *O corpo como materialidade do/no discurso*. O Discurso na Contemporaneidade: Materialidades e Fronteiras. São Carlos: Claraluz, 2009. p. 161-68

HILLSTROM, Laurie Collier. *The #metoo movement*. ABC-CLIO, 2018.

JAFFE, Sarah. The collective power of# MeToo. *Dissent*, v. 65, n. 2, p. 80-7, 2018.

MAFESSOLI, Michel. *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.

MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi; RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. Desfazendo mitos para minimizar o preconceito sobre a sexualidade de pessoas com deficiências. *Revista brasileira de educação especial*, v. 16, p. 159-76, 2010.

MARIANO, Ricardo. Ativismo político de evangélicos conservadores rumo à extrema direita. In: INÁCIO, M. (Org.). *Democracia e Vanessa Elias de Oliveira Eleições no Brasil: para onde vamos?*. São Paulo: Hucitec, 2022. p. 219-36. Disponível em: <https://lojahucitec.com.br/wp-content/uploads/2022/10/Democracia-e-Eleicoes-no-Brasil-2.pdf#page=221>.

Acesso em: 26 nov. 2022.

MEGÍA, Carlos. ‘Coordenadores de intimidade’: os vigilantes do novo sexo de Hollywood. *El País Brasil*, 2018. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2018/11/18/cultura/1542555548\\_760206.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/11/18/cultura/1542555548_760206.html). Acesso em 20 de nov. de 2022.

OLIVEIRA, Abel Santos. *As Representações Artísticas do Corpo Nu Masculino*. Anais do Seja – Gênero e Sexualidade no Audiovisual, S.I., v. 2, n. 2, p. 6-16, 5 maio, 2018. Disponível em: <https://anais.ueg.br/in dex.php/seja/article/view/10699>. Acesso em: 26 nov. 2022.

O’NEIL, Adrienne *et al.* The# MeToo movement: an opportunity in public health?. *The Lancet*, v. 391, n. 10140, p. 2587-9, 2018.

ORLANDI, E. P. Textualização do corpo: a escritura de si?. In: \_\_\_\_\_. *Cidade dos Sentidos*. Campinas: Pontes, 2004. p. 159

PORTER, Rick. *Netflix reveals viewership numbers for ‘You’, ‘Sex Education’ and more*. The Hollywood Reporter, 2019. Disponível em: <https://www.hollywoodreporter.com/tv/tv-news/netflixs-you-track-40-million-viewers-1177025/>. Acesso em: 26 de nov. de 2022.

SILVA, Sergio Gomes da. A crise da masculinidade: uma crítica à identidade de gênero e à literatura masculinista. *Psicologia: ciência e profi são*, v. 26, n. 1, p. 118-31, 2006. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-98932006000100011](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932006000100011). Acesso em: 21/11/2022

ZARKOV, Dubravka; DAVIS, Kathy. Ambiguities and dilemmas around# Metoo: #forhow long and # whereto?. *European Journal of Women’s Studies*, v. 25, n. 1, p. 3-9, 2018.

#### Outras fontes:

Apresentação da AAD. In: GADET, F., HAK, H. *Por uma análise automática do discurso (Uma introdução à obra de Michel Pêcheux)*. Campinas: Pontes, 1990. p. 163-66

BBC Brasil. O que a campanha #Metoo conseguiu mudar de fato?. *BBC News Brasil*, 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-44164417>. Acesso em: 20 de nov. de 2022.

RAM, Yael. Metoo and tourism: a systematic review. *Current Issues in*

*tourism*, v. 24, n. 3, p. 321-39, 2021.

RFI. *Cinco anos depois do movimento #Metoo, “o silêncio não é mais a regra”*. RFI, 2022. Disponível em: <https://www.rfi.fr/br/mundo/20221005-cinco-anos-depois-do-movimento-metoo-o-sil%C3%A2ncio-das-mulheres-n%C3%A3o-%C3%A9-mais-a-regra>. Acesso em: 02 de nov. 2022.